

LEANDRO COMET DE MAR

Morte de Alonso



Vingança de Marina

Preço 1\$500

G U A J A R I N A
 Casa Editora de Francisco Lopes
 Rua Manoel Barata, 261
 Pará — Fone 1241 — Brasil

Morte de Alonso

0



Vindança de Marina

1850

Preço

ÓVALA XINA

Casa Editora de Francisco Lopes

Rua Manoel Heitor, 281

Paris — Tomo 1851 — 1851

Morte de Alonso

— e —

Vingança de Marina

Alonso e Marina são conhecidos do leitor, aquella que tinha o genio de um leão devorador, o titulo do livro della é «A Força do Amor».

O leitor deve ter lido ou ter ouvido contar o que Marina soffreu para poder se casar, de duas mortes que fez mesmo no pé de um altar.

Estas mortes foram feitas com grande publicidade, perante os maiores homens ali daquella cidade, onde estava o presidente e a maior auctoridade.

O pae quiz casal-a á força com quem ella não queria, ella esclare ao pae tudo quanto pretendia, dizendo que fóra de Alonso com outro não casaria.

O barão já tinha dado
a um sobrinho a mão della,
o moço veio com um irmão
para casar-se com ella,
ella matou todos dois,
encheu de sangue a capella.

Então eram quatro irmãos:
os dois que ella matou,
a baroneza de Ajil
que um peixe a devorou,
Braulino que era pequeno
dos quatro foi quem ficou.

O conde de Montalvão
sabendo do occorrido
adoeceu de repente
quasi que perde o sentido,
a mulher quasi que morre
pelo que tinha sortido.

O barão tinha-lhe escripto
contando todos os passados,
mandou-lhe o punhal com que
foram os filhos assassinados,
dizendo o barão: Fui eu
quem fez elles desgraçados.

Porém aquella assassina
um dia ha de me pagar,
essa affronta que soffri
della hei de me vingar,
embora saia depois
pelo mundo a mendigar.

O conde disse á mulher :
—Condessa, nossa esperança
firma-se toda em Braulino
embora seja creança,
mas elle inda ha de ser homem
e nós teremos a vingança.

Elle não ha de saber
de nada desse occorrido,
ninguem ha de lhe tratar
o que foi acontecido,
quando elle tiver edade
eu lhe farei um pedido.

Este punhal eu o guardo
onde elle não o possa ver,
daqui só posso tiral-o
si estiver p'ra morrer,
só o tiro da bainha
quando elle prometter.

Depois disso, doze annos,
a condessa adoeceu,
atacada de uma febre
não teve cura e morreu,
pediu que o conde a vingasse
o conde lhe prometteu.

Uns oito annos depois
o conde de Montalvão
cahindo muito doente
viu que era occasião
de chamar o filho a si
lhe fazer declaração.

Chamou Braulino e lhe disse :
—Filho do meu coração,
quero fazer-te um pedido,
promettes fazel-o, então ?
O pedido provará
que és um distincto irmão.

—Prometto e assim o juro,
pois são direitos sagrados.
O conde assim mesmo riu-se
com os olhos muito fitados,
perguntou: Vingas meus filhos
que foram assassinados ?

—Meu pae, e eu tive irmãos ?
Braulino lhe perguntou.

—Tiveste, disse-lhe o conde,
mas uma féra os matou
e por isso tua mãe
tão depressa se acabou.

Pois bem, como me promettes
escuta-me attentamente :
um irmão de tua mãe,
o barão de São Vicente,
que ha mais de dezoito annos
desta terra está ausente.

Tinha uma unica filha
que se chamava Marina,
de uma figura elegante
porém de uma alma ferina,
morreram teus dois irmãos
pela mão dessa assassina.

Enamorou-se de um bandido,
sujeito até engeitado,
o pae della o prendeu,
ella peitou um soldado
e tirou-o occultamente
botando-o noutrø reinado.

Então o barão, teu tio,
chamou teu irmão Reinou
e deu-a em casamento
ella porém regeitou.
no dia do casamento
no altar ella o matou.

Floresmundo, outro irmão teu,
que com elle tinha ido,
viu quando ella o cravou,
investiu-a enfurecido,
ella cravou-lhe o punhal
elle cahiu sem sentido.

Teu tio, o barão pae della,
ahi a encarcerou,
o noivo, esse tal de Alonso,
sabendo disso voltou,
matou o guarda do carcere,
tirou-a e carregou.

Braulino escutava tudo
quanto seu pae lhe dizia,
pois da morte dos irmãos
elle ainda não sabia,
jurou ao pae que Alonso
com juroes lhe pagaria.

E' necessario contar
tudo quanto aconteceu,
tudo que o conde pediu
e Braulino prometteu,
para poder se entender
toda questãõ em que deu.

O conde de Montalvão
vendo que não escapava,
conhecendo que o filho
muita coisa ignorava,
pois elle era o instrumento
que ao conde tudo vingava.

A condessa morreu logo
e o conde ainda ficou,
ao cabo de quatro annos
a molestia o atacou,
elle conhecendo a morte
ao filho junto chamou.

Porque elle conhecia
que dessa não escapava,
sabia que era seu fim,
dali não se levantava,
outras recommendações
ao filho ainda faltava.

Ha mais de dezoito annos,
ha dezenove ou ha vinte
que o conde de Montalvão
tinha guardado este acinte,
chamando o filho p'ra junto
disse a historia seguinte :

—Meu filho, já te contei meus sentimentos passados, tu já sabes teus irmãos por quem foram assassinados, quero entregar-te o punhal com que foram traspassados.

E abrindo uma gaveta tirou della uma caixinha e dentro da dita caixa um punhal velho continha, com umas nodoas de ferrugem da folha até a bainha.

Com os olhos lacrimando em alta voz exclamou:

—Meu filho, vês estas nodoas que aqui te mostrando estou? Foi sangue de teus irmãos que em ferrugem se tornou.

Tua mãe antes da morte foi o que mais me pediu, suas ultimas palavras quando ella se concluiu foi me pedir que vingasse, já morrendo repetiu.

Braulino se ajoelhando exclamou: Oh, pae, descança! porque o que tu me pedes eu escrevo na lembrança, juro botar em teu tumulo o sangue desta vingança.

O conde estirando o braço
os olhos nelle fitou :
—Meu filho, pega esta ar...
E a palavra não findou,
fez aceno com a mão
nesse momento expirou.

Braulino tomou-lhe o pulso
de repente entristeceu,
encontrando o pae sem vida
um grande suspiro deu,
dizendo : Sem pae e sem mãe
em que estado estou eu !

Meu pae, meu primeiro amigo,
este que me deu o ser,
deixou ao brotar da vida
quem não deseja viver,
pois que a vida é tão voluvel
melhor fôra não nascer !

Eu hoje sou um visconde,
sou por diversos cercado,
morro amanhã ou depois
já ahi estou isolado,
o que mais cercou-se de mim
agora fóge assombrado !

Riqueza, opulencia, orgulho,
tudo é cegueira da vida,
o sentimento moral
abre na alma a ferida,
vingança é uma loucura,
soberba é sempre abatida.

Eu prometti a meu pae
e hei de cumprir a jura,
embora ella me leve
á borda da sepultura,
farei isto mas sabendo
que não ha maior loucura.

Quem sabe si esta loucura
não vem trazer-me o momento
de eu descer a escada triste
do leito vil, crapulento,
me atirando com urgencia
ao chão do esquecimento.

Mas a jura hei de cumprir,
não posso disso afastar,
o que prometti a meu pae
não posso mais revogar
e promessa que se faz
se é obrigado a pagar.

Si eu morrer por causa disso
e fôr ao Juiz Divino,
si é exacto que o homem
morrendo toma um destino,
direi a Deus : Foi meu pae
quem fez de mim assassino.

Fez o enterro do pae,
depositou o dinheiro,
disse ao creado : Eu morrendo
você será meu herdeiro,
preparei meus documentos
deixei-o testamenteiro.

E na cava do collete
poz logo o dito punhal
dizendo: Este objecto
é o meu memorial,
emquanto houver mundo ando
afim de ver meu rival.

E largou-se pelo mundo
sem saber por onde ia,
sem direcção nem destino,
sem pensar no que jazia,
nem esperou pela missa
do pae no setimo dia.

Andou em muitos paizes,
correu a Oceania,
depois voltou á Europa
porém de nada sabia,
a todos que elle indagava
nem um só o conhecia.

Correu a America Latina
depois voltou á Europa,
disse-lhe um turco que Alonso
estava em Constantinopla,
tinha lá sentado praça
era capitão de tropa.

Foi elle á Constantinopla,
chegando lá não o achou,
um viajante lhe disse
que ha dois annos viajou
com um tal Alonso, um homem
que no Egypto ficou.

Braulino foi ao Egypto,
como o viajor dizia,
chegou lá encontrou outro
que com Alonso parecia,
era tambem hespanhol
e Braulino o conhecia.

O hespanhol disse a elle
que, si não estava enganado,
Alonso era um individuo
que já tinha naufragado,
perto da Asia Menor
e por lá tinha ficado.

Disse Braulino: Eu corri
America e Oceania,
procurei em toda a Europa,
tive de encontrar, um dia,
uma noticia incerta
que quasi nada valia.

Disse o hespanhol a elle:
—Quem sabe até si o barão
não tenha feito esquecido
da filha a ingratidão?
E Alonso se casasse
e não estejam em união?

Pelo que diz o visconde
Alonso foi prevenido,
si elle casou-se e inda vive
estará estabelecido
com casa commercial
de nome bem conhecido.

Disse Braulino: Eu corri parte da Asia Maior.

—Já correu todo o Japão? Parte da Asia Menor?

Disse Braulino: Inda não!

Disse: O tal foi o peior!

Esse maldicto hespanhol parece que advinhava, era mesmo com certeza os calculos que elle formava, só quem sabia de tudo ou alguém o informava.

Braulino acceitou o plano, tomou uma embarcação que ia no mesmo dia com destino ao Japão, embarcou com um passageiro que conhecia o barão.

Disse a elle o passageiro:

—O barão é meu conhecido, móra no Japão com o genro que lá é estabelecido, chama-se Alonso de tal, dois nemes estou esquecido.

Então Braulino pensou que estava bem dirigido, a vantagem era não ser por alguém lá conhecido, assentou todos seus planos para chegar prevenido.

Chegando então ao Japão
hospedou-se num hotel,
lá achou um japonês,
um tal de Zurubabel
que lhe pareceu ter caracter
de um servo muito fiel.

Então perguntou a elle :

—Tu queres ser meu creado ?

Zurubabel respondeu :

—Quero e lhe fico obrigado,
póde contar com o seu servo
lhe servirei com cuidado.

Disse Braulino : E' preciso
que lhe exponha condição,
eu preciso dum creado
homem desta posição :
que seja até assassino
quando houver occasião.

Lhe disse Zurubabel :

—Eu não encaro terror
e só serei assassino
em defeza do senhor,
pois o crime para mim
é uma scena de horror.

Disse Braulino : Eu não quero
o senhor para instrumento,
apenas vou prevenil-o,
si chegar este momento,
é necessario fazer-lhe
um grande esclarecimento.

E é preciso o senhor
guardar bem este segredo,
esse facto é quasi um drama,
é perigoso o enredo,
disse o servo: A não ser roubo
o patrão diga sem medo.

—O senhor conhece Alonso,
um hespanhol que aqui móra?
Elle morava na Hespanha,
ha annos que veio embora.
—Conheço muito, é banqueiro,
passou por ali agora.

Conheci o sogro delle
que já é morto, o barão,
conheço a senhora delle,
é até um figurão,
e é a mulher mais bonita
que já entrou no Japão.

—Pois bem, esse tal Alonso
tem uma conta a pagar-me,
elle uma, a mulher outra,
dos dois eu quero vingar-me,
desejo saber si o senhor
se dispõe acompanhar-me.

Não exijo que o senhor
no crime se vá metter,
só quero que me acompanhe
e faça o que eu mandar fazer,
tenha cuidado e se aguarde
para o que puder haver.

Perguntou elle ao creado :

—E o que eu devo fazer ?

Qual será o melhor ponto
para eu o conhecer ?

Disse o servo : No theatró,
onde melhor póde o ver.

—Sim senhor, disse Braulino,
elle o póde frequentar ?

—Todas as noites, diz o servo,
eu o tenho visto entrar
de braço com a mulher
e è muito raro falhar.

Braulino disse ao creado :

—Bem, você me acompanha,
depois que isso conseguir
embarco para a Allemanha,
você embarca commigo
e depois vamos á Hespanha.

Vá contractar logo um carro,
bolieiro habilitado,
cavallos que sejam bons,
pague logo adeantado,
mas veja como faz isso,
eu quero muito cuidado.

Tirou vinte e cinco libras
e deu-as todas ao creado
dizendo : Tome dinheiro,
se aprompte, ande asseiado,
seja fiel, que meu cofre
para si está recheiado.

Vamos logo ao theatro,
não percamos as menções,
eu o quero conhecer,
tormar-lhe bem as feições,
tanto delle como della,
traços, character e acções.

Estavam elles no theatro
chegaram Alonso e Marina,
Braulino ao vel-os ficou
como quem não se domina,
exclamou comsigo só :
—Quanto è bella essa assassina!

Depois, reflectindo o caso,
dizia : Teve razão,
complico mais nesse crime
o orgulho do barão
e a grande cobardia
que apresentou meu irmão.

Si eu não me considerasse
hoje um homem criminoso,
si pudesse ainda dispor
de liberdade e repouso,
sómente uma mulher digna
teria a mim como esposo.

Uma que por si sómente
empregasse em mim amôr,
quer feia como a visão,
quer linda como uma flôr,
mas que risse em meu prazer
e chorasse em minha dôr.

Não exigia que o pae
fosse um rei ou um creado
e ella não possuísse
nem o valor de um cruzado,
só exigia um character
que nunca fosse manchado.

Si meu irmão desprezasse
o orgulho e a ambição,
não dèsse tanto valor
a dinheiro e a brazão,
ainda estaria vivo,
tanto elle como o irmão.

Cuja ambição obrigou
a marchar p'ra sepultura
e fazer quem não queria
commetter uma loucura,
a mesma que hoje me obriga
a passar tanta amargura.

Porque jurei a meu pae
na hora em que elle morreu,
que a vingava inda que fosse
grande sacrificio meu,
quebrar uma jura dessa
è o que não faço eu.

Depois pensava comsigo :
como poderei fazer
esse crime injustamente ?
Que resultado hei de ter ?
Matar um e deixar outro,
estou em risco de morrer.

Mas como meu pae pediu-me e dizem que o promettido è um compromisso sagrado como um debito contrahido, eu faço, embora depois fique disso arrependido.

Foi elle para o theatro aguardando a occasião para commetter o crime de que já tinha intenção, depois, no mesmo theatro, fez outra combinação.

Terminou o espectaculo Braulino se recolheu, chegou em casa e deitou-se porém não adormeceu pensando como cumprir o juramento que deu.

Não era porque temesse de sahir mal da empresa, era porque repugnava crime de tal natureza, fazer dois assassinatos era um crime sem defeza.

Então no dia seguinte combinou com o creado: —E' hoje a noite do crime, você esteja preparado, não saia hoje do carro porque o crime hoje é dado.

Depois de ter dito isso viu elle Alonso chegar, Braulino encostou-se ao carro sem nada lhe perguntar, cravou-lhe o punhal no peito não o deixou se apeiar.

E partiu para Marina porém esta se livrou, Marina com uma lanceta o braço lhe traspassou, tanto que o punhal cahiu e elle não o apanhou.

Marina accudio Alonso que cahira desmaiado, opanhou logo o punhal que no chão tinha ficado, conheceu perfeitamente, pois ella o tinha comprado.

Braulino evadiu-se logo nem mais no castello entrou quando commetteu o crime na mesma hora embarcou, a policia o perseguiu porém não o encontrou.

A diligencia foi feita porém foi toda perdida, Marina accudio Alonso que estava ultimando a vida e não dava demonstração, de que estava tão sentida.

Alonso chamou-a e disse:
—Oh! minha esposa querida!
eu morrendo você cuide
em tratar de sua vida,
já que a sua dura sorte
sempre foi tão perseguida.

Marina fitou Alonso
e em voz alta exclamou:
—Hoje a vida para mim
foi móda que se acabou,
tratarei della depois
quando matar quem te matou.

Alonso disse á Marima:
—Tenho a pedir-te um favor
para tu não te vingares
daquelle infame trahidor,
que me matou innocente
como Christo Redemptor.

Marina lhe disse: Alonso,
tudo te posso fazer,
mas, não vingar tua morte
não posso te prometter,
inda querendo não posso
meu genio contrafazer.

Disse-lhe Alonso: Marina
é melhor você casar
antes de mim se esquecer
do que sahir a luctar,
entregue este crime a Deus
pois Deus o sabe vingar.

- Casar-me com outro homem?
Só se fôr por um castigo!
E disse mais: Eu jurei
viver e morrer contigo,
tu morres mais em meu peito
pulsa um coração amigo.

Minha vida está em ti,
se nutre com teu amôr,
logo que tu não exista
ella murcha como uma flôr
sem ti Deus pôde matar-me,
seja de que morte fôr.

Eu não conhecia amor,
teu amor foi o primeiro,
não procurei ver mais outro
elle foi o derradeiro,
fiz d'elle uma flôr de estima,
fiz de meu peito um canteiro.

Eu com quarenta e dois annos,
pouco da vida gozei;
apenas os vinte annos
que unida a ti desfructei,
esses foram como um sonho
perdi-os quando acordei.

A vingança hoje me domina
sempre activa me rodeia,
meus dias são como trévas,
a lua torna-se feia,
sinto sêde, mas não d'agua,
o sangue é quem me sacêia.

Nestas ultimas palavras
Alonso olhou-a e sorriu,
fazendo um pequeno gesto
logo ahi se concluiu,
Marina gemeu tão alto
que muito longe se ouviu.

A policia averiguando
com attenção e cuidado,
sem saber porque motivo
tinha sido o crime dado;
Alonso naquella terra
não tinha um só intrigado.

Disse Marina ao juiz:
—Esse crime succedeu
por vingança de outro crime
que ha vinte annos se deu,
nelle Alonso era innocente,
quem fez o crime fui eu.

E mettendo a mão no seio
tirou um velho punhal
e disse: Eu com este matei
um cobalde sem igual,
essa ferrugem foi sangue,
olhe que vê o signal.

Ahi narrou a historia
que com ella se passou,
dizendo: Isso foi o irmão
de quem matei que ficou,
vingou-se de quem não devia,
quem teve culpa escapou.

Elle vá aonde fôr
sua viagem é pequena,
se encante como lagarta
póde criar até penna,
inda no céu eu o mato,
os anjos verão a scena.

Porque hoje a vida delle
me pertence por herança,
o sangue delle é meu ouro,
não sae da minha lembrança,
a morte não é capaz
de esquecer-me essa vingança

Fez o enterro de Alonso
sem este mudar a feição,
botou um retrato della
por lembrança no caixão
e disse: Quando eu vingar-me
choro e boto luto, então.

Perguntou ao guarda-livros:
—Então você me acompanha?
Atreve-se a andar commigo
em Paris e na Allemanha,
em Portugal, na Italia,
em Dinamarca e Hespanha ?

Respondeu o guarda-livros:
—Si tem confiança em mim,
eu acompanho a senhora
até um de nós ter fim,
então respondeu Marina :
—Me serve um homem assim.

Agora, caro leitor,
vamos tratar de Braulino,
quando praticou o crime,
ficou quasi em desatino
sem acertar para onde
devia tomar destino.

Braulino poudo levar
de Alonso sangue no lenço,
foi ao sepulcro do pae,
com esse objecto immenso,
olhando os ossos do pae
ficou daquillo suspenso.

Meu pae ! disse elle ao tumulo,
eis o sangue da promessa
é obrigado a um filho
tudo que seu pae lhe peça,
está o que prometti,
não é minha divida essa ?

Nisso Braulino sentiu
a sepultura se abrir
e o esqueleto do pae
erguer-se e do pó sahir,
quiz falar, ali tombou,
foi ao mesmo pó se unir.

Uma voz triste e fanhosa
em echos tristes bradou :
—Tira daqui este sangue,
não quero vel-o onde estou,
essa maldita vingança
agora me magoou.

O pedido que te fiz,
no momento agonisante
se transformou numa seta
de uma ponta penetrante,
lançando isso em meu rosto
toda hora e todo instante.

A's noites sou visitado
por aspectos de terror,
infelizes que passaram
por meu glaudio vingador,
mostrando-me todo crime
me accusando ao Creador.

Esqueletos de creanças
pedindo os paes que eu matei,
viuvas pedem os maridos
que eu os assassinei,
os pobres mostram as contas
que quando em vida roubei.

Sou medonho com as trévas,
triste como a voz de um sino,
vem lá da Eternidade
um echo medonho e fino
me chamando de malvado,
ladrão, covarde e assassino.

Braulino já estava ali
a perder a paciencia,
pensando ter morto um homem
que só continha innocencia,
sem escutar os conselhos
que lhe dava a consciencia.

Agora, caro leitor,
deixamos aqui Braulino,
vamos ver Marina então
como tomou seu destino
e como fez a viagem
em busca do assassino.

Deixou os negocios entregues
ao seu antigo empregado,
disse a elle : Tome conta,
applique todo cuidado,
faça e desfaça de tudo
e marque seu ordenado.

Então disse ao guarda-livros :
—Vamos entrar em campanha,
o assassino talvez
se demore na Allemanha,
si não acharmol-o lá
vamos depois á Hespanha.

Foi Marina á Allemanha
não encontrou mais Braulino,
soube que elle esteve ali
mas tomou outro destino,
disse ella : Na Hespanha
eu encontro o assassino.

Chegou Marina em Hespanha
alugou um torreão,
depois de dias tratou
de tirar informação
onde ficava o castello
do conde de Montalvão.

Foi lá no dito castello
porém Braulino não estava,
ahi pergunta aos creados
si sabiam onde elle andava,
disse o creado mais velho
que tudo aquillo ignorava.

Então lhe disse Marina
que desejava falar
com Braulino Montalvão,
tinha um negocio a tratar,
de uns bens que possuia
e queria hypothecar.

Então pediu a um creado
quando o visconde chegasse
procurasse um portador
com urgencia a avisasse,
porém preveniu a elle
que a Braulino não tratasse.

Deu tres libras ao creado
elle agradeceu-a muito,
disse Marina comsigo:
essas tres libras é um uncto,
por esse meio é que posso
obter qualquer assumpto.

Dias depois o creado
mandou a ella um cartão
dizendo: «O senhor visconde
já chegou em Montalvão,
si ainda quer lhe falar
é propria a occasião».

Marina chamou Abel
e lhe disse : Meu amigo,
quero saber si está prompto,
si encara a morte commigo,
disse Abel : Para servil-a
a morte não é perigo.

Disse Marina : Pois bem,
vamos primeiro pensar,
o castello de Montalvão
dois só não pódem o cercar,
o certo é ir pela porta,
resulte o que resultar.

Marina achou na Hespanha
tres rapazes do Japão
que estavam morrendo á fome
sem acharem protecção,
Marina chamando-os disse :
—Dou-lhes roupa, casa e pão.

Só quero que vocês guardem
um segredo que direi :
—Não revelem o meu nome,
não digam onde eu morei,
que quando eu sahir daqui
para o Japão os levarei.

Então disse ao guarda-livros :
—Abel, temos precisão
de duas ou tres pessôas
que tenham disposição,
vamos ver si conduzimos
os rapazes do Japão.

—E' bom, respondeu Abel, ir daqui bem prevenido, quem deve vive assustado, não deixa de estar munido, si errar o primeiro golpe vae alterar-lhe o sentido.

Chamou ella os tres rapazes Marcos, Angelo e Salvador, perguntou a todos tres :

—Vocês fazem-me um favor ?

Responderam todos tres :

—Fazemos, seja o que for.

—E' perigoso, ella disse.

—Não ha perigo, senhora, para um de nós lhe servir não temos dia nem hora, precisa de nossas vidas póde tiral-as agora.

Pois bem, respondeu Marina, sou obrigada a dizer :

—Trata-se de uma vingança, um crime que hei de fazer, mas eu, exclusivamente, sou quem hei de commetter.

—Seja como fôr, senhora, responderam todos tres, damos a vida por si, morremos de uma só vez, então Marina ainda disse :

—Eu agradeço a vocês.

Marina disse a Abel:
— Não devemos demorar,
no porto hontem chegou
a barca «Viagem Polar»,
eu escrevo ao capitão
para por mim esperar.

Leve dinheiro daqui,
quantia que a elle illuda,
com dinheiro e sympathia
não precisa mais de ajuda,
com a presença do dinheiro
tudo se desfaz e muda.

Abriu uma das gavetas
e tirou della um cartão,
escrevendo nestes termos:
«Dignissimo capitão,
quero fretar sua barca
da Hespanha para o Japão».

Abel foi ao porto e veio
deixando tudo arrumado,
chegou dizendo á Marina:
— Deixei tudo preparado,
na barca só vamos nós,
assim ficou contractado.

Era meia-noite em ponto,
e o mundo envolto em trévas,
piava um ou outro môcho
nas rochas daquellas sélvas,
como tambem alguns grillos
chiavam em cima das relvas.

Chegaram então ao castello
sem alguém os presentir,
Marina trazia um pó
que obrigava a dormir,
quem sentisse o cheiro delle
não podia resistir.

Marina queimou o pó
deixou a fumaça entrar,
abriram uma janella
para nella penetrar,
Marina seguiu na frente
com cuidado á procurar.

Ahi Braulino acordou,
ergueu-se e foi ver quem era,
Marina o conheceu
e gritou: E' este a féra!
Braulino então conheceu
que a coisa estava devéra.

Ainda atirou duas vezes,
mas nenhum tiro attingiu,
Marina atirando nelle
ali mesmo elle cahiu,
dos creados que elle tinha
nenhum o barulho ouviu.

Levaram elle nos braços
e foram logo embarcar,
Marina narcotizou-o
tratou logo de o curar,
desembarcaram no Japão
e ninguem os viu chegar.

Braulino tinha essa tarde
uma viagem formada
e tinha dito aos creados
que iria de madrugada,
deu toda determinação,
deixou a malla arrumada.

Os creados de manhã
julgaram elle ter ido,
visto a casa estar trancada
e a barca ter sahido,
nem podiam imaginar
ter aquillo succedido.

A's tres horas da manhã
elles no porto chegaram,
Marina, Abel e os rapazes
na barca todos entraram,
então pegando o caixão
occultamente o levaram.

Marina então o levou,
mas elle narcotizado,
desembarcaram no Japão
da barca elle foi tirado,
foi para um subterraneo
que já estava preparado.

Marina deu-lhe um remedio
fez elle voltar a si,
perguntou-lhe: Assassino,
sabes porque estás aqui?
Pois não! respondeu Braulino,
eu sei o que commetti.

—E conheces quem sou eu, intestinos infernaes?

—Conheço, disse Braulino, és filha de Satanaz, mataste meus dois irmãos, acabrunhaste meus paes.

—Porque razão, assassino, tu mataste meu marido? Disse elle: Por meu pae me ter feito este pedido, inda preso como estou não me acho arrependido.

Marina lhe perguntou:

—Já sabe que vae morrer?

—Eu supponho, diz Braulino, mas falando sem tremer, é o menos que a senhora commigo póde fazer.

Marina então retirou-se deixando-o só na prisão, depois no carcere delle mandou pôr um lampeão e mandou pelos creados levar-lhe a refeição.

Braulino estava com fome, porém em nada tocou, no outro dia Marina inda no carcere voltou, estava a comida da fórma que o creado deixou.

Marina lhe perguntou :

—Então como quer morrer ?

—Todo systema me serve,
mate lá como entender,
morro muito satisfeito
porque cumpri o meu dever.

Ella ainda perguntou :

—Aonde quer se enterrar ?

Braulino olhou-a e disse :

—Eu não escolho lugar,
dê meu cadaver aos cachorros
que é o mesmo que sepultar.

—Pois bem, respondeu Marina,
já que não quer escolher,
eu só te mato, assassino,
depois de te ver soffrer,
quando te pareça festa
o dia que has de morrer.

Marina se retirando

disse comsigo Braulino :

—Morrerei de fome e sêde,
assim cumpro o meu destino,
comtanto que não dê gosto
áquelle genio assassino.

Passou seis ou sete dias

sem acceitar alimento,

Marina, casualmente,

entrou no seu aposento,

disse: A fome a este monstro
inda não causa tormento.

Ordenou que os creados
o puzessem sobre o chão
e á força lhe botassem
pela bocca agua e pão,
que elle se alimentasse,
quer quizesse aquillo ou não.

Os creados executaram
o que Marina ordenou,
á custa de muita força
Braulino se alimentou,
vendo que comia sempre
depois o pão acceitou.

Passados cinco ou seis dias
já elle estava mais forte,
disse Marina: Eu o faço
arrepender-se da sorte,
elle ha de curvar-se a mim
pedindo que lhe dê a morte.

Mandou pôr agua no carcere
até que fizesse lama,
para elle não achar
onde fazer uma cama,
dizendo: Elle ha de curvar-se,
ou na agua ou em chamma.

Deitaram agua no carcere
que ficou todo alagado,
Braulino quando viu agua
ficou até animado
dizendo: Eu agora aqui
talvez que morra afogado.

Mas a agua era tão pouca
que nem mesmo os pés cobria,
elle ahi reconheceu
que afogado não morria;
e aquelle enorme tormento
crescia de dia para dia.

Seis dias passou na lama,
apparece-lhe inchação,
então Marina mandou
botar-lhe em outra prisão,
num quarto á fórma de estufa
com pouca respiração.

O quarto era muito estreito
com grossas taboas forrado,
em cima duma fornalha
era o carcere collocado,
pois qualquer nessa prisão
morreria asphyxiado.

Marina mandou botar
na fornalha um fogo lento
que fosse pouco a pouco
aqueitando o aposento,
então ali na prisão
não penetrava nem vento.

Braulino rangiu os dentes
como a féra engaiolada,
exclamando: Oh! ella ainda
não acha que está vingada?
Acha que minha existencia
não está bem amargurada!

Então a acção do fogo
já tinha tanto crescido
e Braulino com o calor
estava tão enfurecido
que blasfemava contra tudo
já desvairando o sentido.

E exclamou: Foi mentira,
Jesus por mim não morreu,
mil vezes maldita seja
a mãe que me concebeu,
maldito pae que gerou-me
que tal conselho me deu.

Maldito o primeiro leite
que o meu estômago ingeriu,
maldito seja este monstro
que como pae me serviu!
Ahi lhe deu um ataque
não sustentou-se e cahiu.

Assim mesmo inda exclamou:
— Oh! Deus, tem pena de mim!
tóca aquelle coração
de tyrannia sem fim,
que venha logo matar-me,
não faça eu soffrer assim!

Si eu pudesse vel-a agora
lhe pediria perdão
pela alma do esposo
que assassinei sem razão,
talvez que o nome de Alonso
lhe abrandasse o coração.

Marina então poudo ouvir toda aquella exclamação, ouviu falar em Alonso doeu-lhe no coração, então mandou os creados botal-os em outra prisão.

Quando elle sahio do quarto estava quasi sem sentido, exclamava por Alonso foi logo favorecido.

—Deus! perdoae este crime de que estou arrependido!

Ao cabo de quatro dias elle sempre melhorou, pelas dez horas da manhã Marina se apresentou, Braulino se ajoelhando prostrado a seus pés chorou.

Dizendo: Minha senhora, quero fazer-lhe um pedido: eu sei que ainda não paguei a morte de seu marido, por elle crave-me o ferro com que elle foi ferido!

Marina naquella hora suspende a cólera immensa, ora tremia-lhe o corpo, ora ficava suspensa, disse: Eu solto este assassino, Deus que lhe faça a sentença.

Assassino, eu te perdôo
a morte de meu marido,
pois elle antes de morrer
me deixou este pedido,
no tribunal do Eterno
teu crime será punido.

Suma-se da minha vista!...
Então Braulino sabiu,
embarcou no mesmo dia
e para a Hespanha seguiu,
sem poder fazer um calculo,
nem quem foi que o acudiu.

Quando chegou na Hespanha
pegou elle a reflectir
como do glaudio da morte
conseguiu elle sahir.
—Um covarde como eu
não vale a pena existir.

Já perto de meia-noite
pegou Braulino a pensar
em abrir o tumulto do pae
e ir se suicidar,
um nome negro e covarde
devia se liquidar.

Fez uma carta á Marina
dizendo: Minha senhora,
a morte de seu marido
há de ser vingada agora,
creio que vou morrer já,
não duro mais meia hora.

Fui um covarde em matar
quem nunca me offendeu,
devido a um pae miseravel
que taes conselhos me deu,
matei um homem que era
mil vezes melhor que eu.

Lançando mão dum revolver
correu bem desesperado,
metteu o ferro no tumulto
onde o pae estava enterrado
dizendo: Ergue te do pó,
esqueleto desgraçado!

Veja si esta alma negra
do pó a que está reduzida
vem escutar a minha voz
tão magoada e sentida,
ouve o lucro que me deu
tua imprudencia exigida.

Por tua causa soffri
toda especie de amargura,
estive em prisões infernaes
mais feia que a sepultura,
mettido em gêlo e chammas
com a maior desventura.

Porque não me assassinaste
emquanto eu era pequeno?
Não tinha tão bons punhaes,
tantos frascos com veneno?!
Maldito seja mil vezes
o teu agoureiro terreno.

Braulino estava falando
viu os ossos se juntarem,
surgirem dois esqueletos
e a elle se botarem
com boccas tintas de sangue
rangindo os dentes a uivarem.

—Fomos quem te deu o ser,
então os vultos diziam,
com dentes enferrujados
um ao outro se mordiam,
duas linguas negras e seccas
dos esqueletos sahiam.

Braulino inda atirou nelles,
porém não os offendeu,
os dois vultos o pegaram
e elle á valla desceu,
ahi a terra fechou-se
tudo desapareceu.

Marina sabendo disso
ficou muito arrependida,
dizendo: Eu obrei mal
ficando tão enfurecida,
cinco ou seis mezes depois
deixou tambem ella a vida.

No tumulto dos Montalvão
ninguem podia chegar,
que á meia-noite em ponto
ouvia-se um echo acordar,
gemer um, suspirar outro,
outro a sorte praguejar.

EDITORIA:



GUAJARINA

Unica Editora das Obras Sertanejas dos Poetas

Firmino Teixeira do Amaral, Thadeu Serpa Martins, Zé Vicente, Apollinario de Souza e muitos outros.

Atende os pedidos com a maxima brevidade. Enviamos gratis o nosso catalogo.

MAGAZINE ILLUSTRADO

Guajarina

DE *Francisco Lopes*

OFFICINAS GRAPHICAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Agencia Geral das Obras da

LITTERATURA SERTANEJA

Rua Manoel Barata, 261

Phone, 1241

PARA—BELEM

EXECUTA

com esmero e presteza qualquer trabalho concernente ás Artes Graphicas.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).